Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data ____/____/____
cod. 02100022

Petróleo na amazônia brasileira

Cronologia de fatos destacados

Beto Ricardo
Instituto Socioambiental

1925

Pedro Moura, do então Serviços Geológicos e Mineralógicos do Brasil, foi o primeiro a encontrar petróleo e gás na amazônia brasileira, às margens do Rio Tapajós, em Itaituba, no Pará, que não se revelou comercial. (O Globo, 25/07/88)

1953

Conselho Nacional do Petróleo inicia pesquisas de petróleo na amazônia. Perfurou quinze poços no alto, médio e baixo amazonas.

1954

Fundação da **Petrobrás**. A exploração de petróleo na amazônia constitui a principal prioridade dos trabalhos de prospecção da empresa, logo após a sua criação. O então geólogo-chefe, o norte-americano Walter Link, concentrou esforços na região, partindo da tese de que se tratava de uma das maiores bacias sedimentares do Brasil. O surgimento de petróleo na cidade de Nova Olinda, em 1955, reacendeu as esperanças de que o Brasil seria uma nova Arábia Saudita. Apesar da intensificação das atividades amazônicas da Petrobrás na época não vingaram e, na década de 60, os investimentos foram reduzidos e intensificados no recôncavo baiano e, mais tarde, na plataforma continental. (OESP, 29/08/81)

1965

Petrobrás descobre petróleo em Barreirinhas, no **Maranhão**. (OESP, 06/11/84)

1969

Novas prospecções em Nova Olinda (AM)

1972

Os geólogos Raymundo Ruy Bahia e Wagner Freire Silva, apresentaram no 34 Encontro da Europian Association os Exploration Geophisicists, em Paris, um trabalho chamado "Shaped Charge" (carga moldada), inovando os **métodos de pesquisa sísmica**, alterando o formato do esplosivo, o que concentra a explosão, além de diminuir significativamente o tamanho do buraco para localizar o petardo e, consequentemente, dispensando o uso da pesada sonda que obrigava a abertura de um estrada e a mobilização de muitos homens. (GM, 02/02/82)

1973

Novas prospecções em Nova Olinda (AM).

1976

Petrobrás teria furado 200 poços na amazônia, a um custo de um bilhão de US$.(GM, 02/02/82)

Acervo ISA

Até este ano a Petrobrás furava poços na amazônia "no escuro" , porque a técnica usada na investigação sísmica não detectava estruturas. Foi quando a Petrobrás incorporou equipamentos mais modernos e achou uma "**anomalia de grande porte**", debaixo do divisor de águas dos rios Juruá e Tefé, afluentes do Solimões. Daí, uma sonda foi levada em barcaças até o improvisado Porto do Gavião, perto de Carauari. De lá, por helicóptero, seus pedaços foram senod levados e montados na clareira onde se furou o poço **Juruá-1**. Custou nove meses de trabalho e U$ 10 milhões. (GM, 02/02/82)

1978

Petrobrás inicia exploração de gás natural no médio Juruá (AM). (GM, 13/03/87)
Os testes no **Juruá-1** deram 562 mil metros cúbicos de gas e 40 barris/dia de concentrado (petróleo fino como fluido de isqueiro). Daí a Petrobrás incrementou a pesquisa, com mais duas equipes de sísmica. Cubado o Juruá (12 kms quadrados), as sondas foram fazer o "Nordeste do Juruá", que deu seco, e o "Sudoeste do Juruá", que nos testes deu 540 mil metros cúbicos de gás por dia, em janeiro de 1981. (GM, 02/02/82)

1981

Petrobrás estende perfurações ao "Sudoeste do Juruá" : Monguba (seco), Jaraqui (a maior descoberta da área), Sernambi (seco), Maravilha 1 (seco), Maravilha 2 (seco), Igarapé Pucá (mais de 200 milhões de metros cúbicos).

A empresa francesa **Elf-Equitaine entra na AI Sateré-Mawé** (AM).

Petrobrás encontra petróleo na foz do amazonas (poço 1-PAS-11) a 4.104 metros abaixo do nivel do mar. Nas áreas limítrofes estão concessões, sob contrato de risco, da **Pecten** (subsidiária da Shell), **Citco** e **Exxon**. (GM, 02/09/81)

Criado o **Denoc** (Distrito de Exploração da Amazônia Ocidental) da Petrobrás, com sede em Manaus.

O tuxaua **Sateré-Mawé** Emílio, 70 anos, denunciou em Manaus transtornos causados ao seu povo e ao meio ambiente por funcionários da empresa francesa **Elf-Equitaine** que pesquisam petróleo dentro da área indígena no **Rio Andirá**, município de Barreirinha (AM): exibição de filmes pornográficos, lançamento de lixo no rio e pousos de helicópteros nas aldeias (JB, 25/10/81).
Tuxauas **Sateré-Mawé e Munduruku** denunciaram em Manaus que funcionário da Elf-Equitaine subornou o chefe de posto da Funai e um chefe Sateré para que se posicionassem a favor da realização dos trabalhos de sismografia na área (JB, 13/11/81). Os Sateré-Mawé vão à embaixada da França denunciar danos causados nas suas terras pela Elf-Equitaine (JB, 18/11/81).
Funai diz que Elf pode continuar pesquisas nas áreas indígenas do Andirá, desde que não prejudique os índios (JB 19/11/81). Os tuxauas Sateré querem receber e diretamente indenizações pelos danos causados pela Elf e não vão permitir continuidade dos trabalhos da empresa (JB, 23/12/81).

1982

Cimi denuncia **impacto das atividades petroleiras em 36 aldeias e áreas indígenas** do país. Os Guarani e Kaingang, no sul, estariam sendo prejudicados pela British Petroleum e IPT (SP); a Pecten-Shell e a Elf-Equitaine estão nos Munduruku e Sateré Mawé, além das terras dos Krikati e Guajajara de Araribóis (MA); a Esso tem 18 contratos de risco e atua nas dos Guajajara (Lagoa Comprida, Cana Brava e Bacurizinho). Há atividades nos rios Juruá e Urucu e entre os Kanela de Rodeador e Porquinhos (FSP, 27/01/82)

Acervo ISA

Funai paga **indenização** de cinco milhões de cruzeiros diretamente aos **Sateré-Mawé**, mas os índios querem 15 milhões e se queixaram que querem ser ouvidos previamente a qualquer acordo entre a Funai e empresas petroleiras interessadas em trabalhar nas suas terras (OESP 13/03/82 e FT 15/03/82). Em assembléia os Sateré-Mawé aumentam o valor da indenização que exigem da Elf-Equitaine para 50 milhões. (FSP, 17/07/82)

Petrobrás assina convênio com a Funai para fixar normas gerais e procedimentos a serem observados na prospecção de petróleo em áreas habitadas por índios na amazônia. (O Globo, 18/03/82)

Petrobrás estende trabalhos de prospecção pelos rios Jutaí, Jandiatuba e Itacoaí, retalhando a área dos Canamari, Tsuhum Djapá, Korubo e outros isolados. A partir de Benjamin Constant, equipes da Adalco Geofísica Ltda. vararam a área dos Tsuhum e dos Canamari, até a margem do Juruá. Estabeleceram nova base em Eirunepé. Ocorreram vários incidentes com isolados nas cabeceiras do Jandiatuba. Dez Canamari do PI Massapê passarama a acompanhar dois funcionários da Funai, entre eles **Pedro Oliveira Coelho**. Foram localizadas 23 malocas de isolados na área, conforme Kazuto Kawamoto, delegado da Funai em Manaus.

Elf Equitaine entra pela segunda vez na **AI Sateré Mawé** (AM), em setembro. Líderes Sateré dizem que são contra a maneira pela qual tudo vem sendo conduzido, sem consulta prévia à coimunidade e com métodos que causam danos ao maio ambiente (Jornal de Brasília, 27/10/82). Voltaram a denunciar a Elf ao embaixador da França no Brasil e informaram que a empresa já abriu 82 clareiras e 144 km de picada dentro da área indígena (CB, 04/11/82).

1983

Elf-Equitaine deixa definitivamente **AI Sateré-Mawé** (AM), em 15/01/83.

Sateré-Mawé entraram na justiça federal do Amazonas um ação de **interdito proibitório** para bloquear a entrada de empresas de pesquisa sísmica nas suas terras (a Cia. Brasileira de Geofísica e a Braselfa, subsidiária da Elf). Lideranças indígenas Sateré e Munduruku foram a Borba, onde fica o escritório regional da Elf e Shell, mas não conseguiram visitar o local onde a companhia instalou uma torre de prospecção em terra Munduruku. A **indenização** paga pela Elf foi depositada em conta bancária conjunta, entre o delegado regional da Funai em Manaus (que se recusava a assinar cheques) e um dos líderes indígenas. Em outubro de 83, o CTI convida etnóloga francesa Simone Dreyfus Gamelon e promove **levantamento dos impactos** causados pela ação da Elf, cujo relatório é entregue ao dirigente da Braselfa em novembro. (ver artigo de Sonia Lorenz, PIB 83, p. 101-107)

Petrobrás estende trabalhos de prospecção aos **rios Jutaí, Jandiatuba e Itaquaí**, em terras dos índios Kanamari, Tsuhum Djapá, Kurubo e outros isolados, a partir de Benjamin Constant, no Solimões. Os serviços foram executados pela Adalco Geofísica Ltda.(PIB 83, p. 91-92)

Trabalhador da Petrobrás é flechado no rio Jandiatuba (nov/83).

Presidente da Petrobrás, Shigiaki Ueki, confirmou em carta ao deputado Mário Juruna que funcionários da empresa usaram **dinamite** para dispersar índios que entraram no acampamento na cabeceira do Rio Jandiatuba. (JT, 30/12/83)

Pilotos de helicópteros da Petrobrás costumam dar **vôos razantes** nas aldeias de índios isolados. (dez/83)

Funai contesta acusações dos índios contra a Elf em nota divulgada pela imprensa (A Crítica, 06/12/83)

Acervo ISA

1984

Trabalhador é flechado no Ig. S. José, afluente do Itacoaí (mar/94)

Um sertanista da Funai e um funcionário da CBG (subsidiária da Elf) foram **mortos pelos Korubo** no Itacoaí (set/94). A equipe da Funai na área já não contava com os Kanamari do PI Massapê, que abandonaram a frente.

Sidney Possuelo, coordenador das Frentes de Atração da Funai, fez **parecer técnico** propondo ao presidente do órgão, Nelson Marabuto, a suspensão dos trabalhos de prospecção de petróleo em áreas de índios isolados. (Jornal de Brasília, 25.09.84)

Assinada concessão da **jazida de potássio seco,** uma das maiores do mundo (560 milhões de t), da localidade Fazendinha, Nova Olinda (AM) para a Petrobrás Mineração. (OESP, 06/11/84)

Sondas da Petrobrás continuam na região de **Gurupa**, no baixo Amazonas (PA).

1985

Além das **centenas de clareiras** abertas para testes de detonação sísmica e da instalação da base de Apoio II no Alto Jutaí, começou a operar no dia 03/01/95 a Sonda Jandiatuba 1-Amazonas (SJ-1-AM), com seus possantes motores ligados 24 hs no centro de território de índios isolados. Está sendo construida pista de pouso no local **Bom Futuro, no Rio Jutaí**. Outras 04 sondas estão em andamento ou previstas, todas em território de isolados: Jadiatuba 2, Itaquai 1, outra nas margens do Jutaí em **terra Kulina** e outra no **Igarapé Queimado, área dos Tsuhum Djapa e Canamari do Alto Jutaí.**

Equipe da Funai que apoia trabalhos da Petrobrás no **Rio Jandiatuba** (AM) informa em março ter encontrado vestígios de **índios isolados** (que vivem na área entre a margem direita do Itaquaí e a margem esquerda do Jandiatuba, nas imediações dos igarapés S.José e Fraternidade) a 5 kms da sonda Jandiatuba. No dia 06 de março nova comunicação dá conta de que os trabalhadores da Petrobrás na área estão fortemente armados. No dia 27 de maio, índios apareceram no barracão de material da sonda Jandiatuba. O mesmo aconteceu em junho. No final de agosto, o funcionário da Funai **Pedro Coelho** informa que ainda permanecem na área da sonda MIK 13 vários materiais utilizados nos trabalhos de perfuração e que a soda cáustica e o potássio foram jogados nas águas do **Itaquaí**. Estes materiais seriam transportados em 60 viagens de helicóptero para a sonda MIK 8, na margem do **Jutaí**. (PIB 85/86, p. 189).

Os **Tsohom Djapa** ("isolados" que vivem nas cabeceiras do Jandiatuba, Curuena e igarapés Queimado e Dávi) estiveram visitando os Kanamari no Rio Jutaí e mostraram cédulas de dinheiro que haviam ganho de trabalhadores da Petrobrás. Trabalhadores da empresa e da Funai estiveram na aldeia desses índios, conforme informou o indigenista Manuel Marreira Filho. (PIB 85/86, p. 189-190)

GT Funai-Cimi avalia trabalhos da Petrobrás na região do Jutaí (maio, PIB 85/86, p. 203)

Petrobrás realiza pesquisas sísmicas em terras **Ticuna** de Estrela da Paz, no baixo Jutaí, e **Kulina** do médio Jutaí. (PIB 85/86, p. 203)

Poço do **Igarapé Pequeno** revelou petróleo em quantidade comercial (500 barris/dia), informou o diretor de produção da Petrobrás, Joel Mendes Rennó. (GM, 21/11/85)

Petrobrás inicia levantamento/processamento e análise de dados sobre o petróleo de Urucu. (GM)

1986

Acervo ISA

Presidente Sarney anuncia que o poço de Urucu (AM) pode produzir 650 barris/dia.

1987

A Petrobrás parte para a instalação da segunda sonda em Urucu (AM). **Amaro Ferreira Apoluceno, superintendente do Denoc** (Distrito de Exploração da Amazônia Ocidental), da Petrobrás (Manaus), informou que devem perfurar mais cinco poços (além dos dois existentes) até o final do ano. O período é ainda de pesquisas e testes de viabilidade econômica. O poço descoberto em outubro de 86 já tem uma torre de extração instalada, mas a Petrobrás não conseguiu definir a forma ideal de escoamento do produto até a refinaria de Manaus, distante 650 km. O Rio Urucu só é plenamente navegável entre novembro e março. No restante do ano, o uso da via fluvial implicaria num comboio de pequenas balsas a um custo exorbitante. A possibilidade de instalar um **oeloduto** de 50/60 km até a altura em que o curso do rio Urucu é plenamente navegável custaria 15 milhões de dólares, investimento que se justificaria com uma produção mínima de cinco mil barris/dia, em média.
A segunda sonda será transportada de barco atá a base da Petrobrás em Urucu e, depois, será desmontada e transportada por helicóptero. Kaoru Tsubone, da divisão de interpretação do Denoc, disse que há um **convênio com o INPA** para minorar os impactos ambientais das operações, incluindo a abertura de clareiras em forma de L, de 600 por 200 metros de comprimento, colocando-se a sonda no meio.
A **área prospectável da base petrolífera de Urucu abrange 50 mil km quadrados**. Está a 110 km a leste de Juruá e 650 km de Manaus. Até fevereiro de 87 havia apenas uma sonda em Urucu. Em março, **60 homens** trabalhavam em turnos quinzenais, compondo duas equipes de estudos sísmicos (reconhecimento e detalhamento).

Poço LUC-1, no Juruá, dá petróleo abundante fino. O poço está situado numa clareira de 3 mil metros quadrados, onde trabalham 60 homens, em turnos quinzenais ininterruptos. A Petrobrás já prepara uma nova clareira, a 150 kms da li, em Igarape-Açu. (Veja, 08/04/87)

RUC-2, novo poço da Petrobrás em Urucu, mostrou vazão inicial de 1.250 barris/dia e se transformou no melhor poço encontrado pela empresa na amazônia. O engenheiro Rafael Frazão, chefe de produção da Petrobrás na amazônia, estima em 200 milhões de barris de petróleo as reservas de Urucu, o que equivaleria a um poço gigante da bacia de Campos. Mais quatro poços serão perfurados, a um valor de 70 milhões de dólares. Será construida uma base de apoio numa clareira de 2,5 km quadrados na mata. (Veja, 02/09/87)

1988

O presidente da Petrobrás, **Ozires Silva**, anunciou que Urucu vai produzir, ainda em 88, 5 a 6 mil barris/dia, transformando-se na maior bacia terrestre produtora do país. Serão investidos 80 milhões de dólares (30 a mais do que em 87) no Alto Amazonas. O gás a ser produzido junto com o óleo de Urucu (150 mil metros cúbicos para cada seis mil barris) será reinjetado nos poços, até que possa ser aproveitado. A produção seria escoada via duto até o Rio Tefé e daí em balsas para Manaus, onde seria refinado para abastecer Manaus e talvez Belém e S.Luis. Escoar a produção de Urucu é tão caro quanto importar. **As reservas em Urucu e Leste de Urucu são estimadas em 150 milhões de barris de óleo (10% do total estimado para a bacia de Campos) e 50 bilhões de metros cúblicos de gás**. (JB, 15/01/88)

O petróleo de Urucu é de **altíssima qualidade** (42 graus API - American Petroleum Institute), mais leve do que o árabe. Até o momento foram perfurados pela Petrobrás seis postos na área. (FSP, 15/01/88)

A Petrobrás descobriu mais petróleo em Urucu, com a perfuração do poço **4-LUC-3**, situado a leste de Urucu. Nos testes, a vazão foi de 1.300 barris/dia de óleo leve.

Acervo ISA

Petrobrás vai passar a utilizar o **sistema tridimensional para as pesquisas sísmicas**, numa área de 80 km quadrados em Urucu, a um custo de 2,5 milhões de dólares. (GM, 10/02/88)

O diretor de Exploração e Produção da Petrobrás, Wagner Freire, informou também que a **Texaco** está avaliando se prosseguirá nos trabalhos que está realizando na **Ilha de Marajó**, onde tem um gasto médio diário de US$ 40 mil e já gastou 6,5 milhões de dólares em perfuração, com vários problemas mecânicos. (O Globo, 29/06/88)

Petrobrás firma convênio de cooperação técnico-científica com o INPA, por um período inciial de 04 anos, para promover pesquisas (botânica, entomologia, ictiologia, limnologia, doenças tropicais e outras) sobre a região de interesse para a exploração de petróleo no Amazonas, nos municípios de **Carauari, Juruá, Alvarães, Camaruã** e, principalmente, **Tefé** e **Coari**. (A Crítica, 15/07/88)

Presidente Sarney abre (27/07) válvula de um dos poços de Urucu (AM), inaugurando oficialmente a produção de petróleo em escala comercial na amazônia. Os poços **RUC-2, RUC-6 e RUC-8** vão produzir juntos uma média de três mil barris/dia. O petróleo terá que viajar onze dias, por via fluvial, até a refinaria de Manaus. Na proximidade dos poços foi construida uma estação coletora e daí, até o Porto Hélio, nas margens do Urucu, uma tubulação de 4,2 km de extensão. Aí haverá uma barcaça "pulmão" que armazenará o petróleo que então será transferido para pequenas barcaças, até o lago Coari, onde barcaças maiores o levarão até Manaus. (O Globo, 25/07/88)

A produção de óleo em Urucu - que estava sendo de 3 mil barris/dia - foi interrompida por falta de possibilidade de transportá-la por via fluvial, uma vez que os rios estão baixos. (GM, 06/09/88)

II Congresso Latinoamericano de Hidrocarburetos, realizado no Rio, debateu os impactos socioambientais da exploração petrolífera na amazônia, reunindo representantes des estatais petrolíferas do Equador, Venezuela e Brasil (Roberto Padula, chefe do setor de pouição industrial e Sérgio Figueiredo, do Centro de Desenvolvimento, Pesquisa e tecnologia do Estado do Amazonas). **Roberto Pádula**, alertado pelo seu colega do Equador, afirmou que não há indígenas na região de Urucu e que existem alternativas tácnicas e científicas para contornar os impactos ambientais. (Afinal, 25/10/88)

1989

O chefe da **Divisão de Engenharia e Segurança do Meio Ambiente da Petrobrás, Gilberto Baetta Neto**, anunciou a criação de um plano de gerenciamento ambiental para a Região Amazônica. Apesar de ainda não ter sido aprovado pelo presidente da empresa, **Carlos Sant´Anna**, o três principais setores da Petrobrás - exploração, perfuração e produção - já está usufruindo de contratos e acordos para beneficiar o meio ambiente na bacia do Urucu (AM). Com o **INPA** foi firmado acordo no início do ano para a implantação de um horto florestal e um orquidário, além de levantamentos de flora e fauna. Alunos da escola agrotécnica de Tefé estão fazendo estágios na Pterobrás e as **clareiras-heliportos na floresta, foram redimensionadas**, passando de 200 (exigidos inicialmentre pelo DAC) para 70 metros. (GM, 06/06/89)

Petrobrás anuncia novo poço: Capiuba-I, na bacia do **Solimões**, somando-se a outros dois na região. O **diretor de exploração Wagner Freire**, no entanto, disse que a empresa está desacelerando as atividades de exploração na amazônia, num quadro de redução geral de investimentos no país (JB, 07/07/89)

A **Braspetro** vai auxiliar a **Petroperu** na exploração de petróleo, conforme prevê acorodo firmado entre as empresas. Na amazônia peruana, recentemente, foram detectadas grandes reservas de hidrocarburetos: 300 bilhões de metros cúbicos de gás e 500 milhões de barris de condensado. A Petrobrás vai investir através do envio de pessoal e equipamentos. Outras empresas internacionais estão entrando na amazônia peruana, como a Occidental Petroleum (EUA), a estatal mexicana Pemex, e a Mobil Oil. (GM, 18/07/89)

Acervo ISA

A **Petrobrás assinou acordo com a CEPE** (Corporación Estatal Petrolera Ecuatoriana) para a cooperação em "diversos projetos", por um prazo de cinco anos. Duas cláusulas não foram reveladas. O Equador faz parte da Opep e tem quota limite de produção a cumprir, a qual foi baixada de 280 mil barris/ dia (dez/88) para 230 mil. (GM, 18/07/89)

Pecten (subsidiária da parte norte-americana da anglo-holandesa Shell), inicia perfuração na área do Médio Amazonas. A **Texaco** está perfurando o quinto poço na ilha do Marajó, sendo que os quatro anteriores não apresentaram produção comercial.(GM, 09/08/89)

Presidente José Sarney do Brasil visita seu colega equatoriano Rodrigo Borjas Cevallo. Esta aproximação política foi precedida pelo estreitamento de laços comerciais desde a década de 70, quando o **Equador** passou a ser exportador de petróleo. O Equador deve 11 bilhões e tem dificuldades de conseguir novos créditos. Grandes obras de infra-estrutura vêm sendo efetivadas com financiamentos para a compra de equipamentos pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex), através do Finex. Empresas brasileiras estã atuando no Equador na exploração de Petróleo, abertura de estradas, construção de represas e sistemas de telecomunicações. A Petrobrás está participando de contrato de risco na exploração de dois campos equatorianos. A balança comercial entre os dois países apresenta déficit equatoriano. Estima-se que o Equador deve ao Brasil 400 milhões de US$. Em 88, o Brasil importou 40 milhões de U$ em petróleo. Em 89 deverá atingir 70 milhões. Mas o Equador não aceita misturar essa conta com a dívida principal e quer receber cash pelo petróleo. Não há mais o que o Brasil possa comprar do Equador. Em 88 as importações foram de apenas 3 milhões (fora o petróleo). O Equador vem mantendo suas contas com o Brasil em dia. Mas precisa de novos financiamentos, para obras feitas por empresas brasileiras, algumas financiadas na primeira fase: **represa da península de Santa Helena** (para irrigação de 4.500 ha), obra de 100 milhões de U$ finaciados pelo Brasil e tocada pela **Norberto Oderbrecht**. Há um novo pedido de crédito de 102 milhões para a segunda fase. A Construtora **Andrade Gutierrez** terminou de construir 150 km de estradas na selva, na **ligação Mandes-Morona**, que permite a ligação Manaus ao Pacífico, via fluvial até Morona e, depois, por rodovia até o porto de Guayaquil. Aguarda financiamento da Cacex para construir a **represa de Esperança**. Há outros projetos que o governo Equatoriano gostaria de contar com apoio do Brasil: a via transoceânica, pelo Rio Putumayo, na fronteira com a Colômbia, onde seria necessário construir uma estrada de 18 km e fazer serviços de dragagem do rio que desemboca no Amazonas. Os presidentes vão assinar um protocolo (tradings) e um acordo cultural. (GM, 25/10/89)

Cortes de despesas da Petrobrás atingem exploração em Urucu, onde a empresa já investiu 100 milhões de dólares. Dos **2.200 homens** que já chegaram a trabalhar no local, hoje restam 640 e deverão ser 500 logo mais, admitiu o **geólogo Décio Freitas**, coordenador interino da exploração. Das quatro sondas, restam apenas duas. Das três equipes de sismografia, apenas uma. E dos 20 helicópteros, apenas três. O campo ocupa uma área de 15 km quadrados e produz 5.800 barris/dia, a sete dólares cada. A reserva total é de 8 bilhões de barris e 31 bilhões de metros cúbicos de gás. A produção comercial iniciada em julho de 88 estava sendo escoada através do rio Urucu, por balsas com capacidade de 100 a 200 toneladas e calado de 40 cm. A seca obrigou a construção de 54 km de um oleoduto de quatro polegadas, até o porto de Tefé. O município de **Coari** chega a ganhar Ncz$ 500 mil mensais em royalties da Petrobrás. **Carauari** se lamenta pelo fato da empresa ter abandonado as atividades na sua jurisdição e deixado a economia em crise: os seringueiros que viraram trabalhadores assalariados não querem mais voltar para o mato. (Correio Braziliense, 05/11/89)

Reservas brasileiras de petróleo vão cair pela primeira vez em 15 anos, devido ao corte de investimentos em exploração de 800 para 450 milhões de US$ em 1989. (OESP, 24.11.89)

Petrobrás anuncia descoberta de mais dois poços de petróleo na amazônia: poço 8, a leste do rio Urucu (1,6 mil barris/dia) e poço 3. Com isso as reservas de Urucu passaram a totalizar 120 milhões de barris de óleo (= 51 milhões de barris de petróleo e 69 milhões de gás). (CB, 25/11/89)

Acervo ISA

1990

Seca faz Petrobrás reduzir produção de 04 mil para 1,8 mil barris/dia em Urucu. A Petrobrás já descobriu **25 poços** na região. Os rios Urucu e Tefé estão baixíssimos. (JB, 25/01/90)

Carauari: quando lá chegou, em meados da década de 70, a Petrobrás encontrou um lugarejo de três mil habitantes. Em meados da década de 80, quando a empresa avaliou que não compensaria prosseguir na exploração do gas encontrado e resolveu sair, já viviam no local 20 mil pessoas, incluindo indígenas, muitas atraídas pelas obras de infra-estutura e oportunidade de trabalho. A experiência mostrou que é fundamental que se elabore um plano socio-econômico, comentou **Gilberto Baetta** (da Susema). Em 87 a Petrobrás contou com a ajuda de um grupo de dez cientistas. Em outubro de 89 a empresa consolidou o **documento "As Diretrizes Gerais de Gerenciamento Ambiental da Petrobrás"** . Para a amazônia, são oito os principais itens do programa da Petrobrás: uso da terra, planejamento sócio-econômico, destinação futura, preservação e manejo biológico, educação ambiental e médico-sanitária, adequação dos métodos e das instalações e planos de contingência. (GM, 05/06/90)

O presidente da Petrobrás, **Luiz Otávio Motta Veiga** definiu Urucu como área prioritária de investimento da empresa, para a qual pretende destinar 100 milhões em 1990. Há 28 poços descobertos na região. A produção atual é de 5 mil barris/dia. (JB, 09/06/90)

Crise do Golfo faz Petrobrás investir na amazônia. A empresa vai dobrar o número de sondas de perfuração (de duas para quatro) e contratar mais três equipes sísmicas (somando 4). A meta é chegar a 10 mil barris/dia em 91, disse o superintendente de produção na Região Norte, **Rafael Frazão**. Para isso está sendo cosntruido um noov oleoduto ligando os campos de Urucu ao Rio Tefé. Escoar a produção de Urucu fica na dependência do regime de chuvas. A maior experança dos técnicos está na perfuração de um poço no **Rio Caiçara**, a 35 km do Solimões. A Petrobrás está construindo uma estrada de 25 km para interligar os poços de Urucu e estuda aumentar a capacidade de refino de Manaus. (JB, 07/10/90)

Consórcio Elf Equitaine/YPF/Braspetro constatou presença de óleo no poço Wanke 1, na **amazônia equatoriana**. Esse é o terceiro poço perfurado pelo grupo, que tem a Elf Equitaine Equateur como operadora. (GM, 11/12/90)

Texaco recebe multa por poluir amazônia equatoriana (CB, 19/03/91)

1991

"Explorar petróleo sem danos aos índios" (artigo de Sarita Kendall, Financial Times , na GM 23/10/91)

1992

17 dias depois de 5 mil barris de petróleo terem vazado de um poço equatoriano e ainda estarem flutuando pelo rio Amazonas abaixo, ocorreu outro vazamento de óleo da Reman (Refinaria da Petrobrás em Manaus). Segundo cientistas do INPA o **impacto do petróleo em água doce é muito maior do que no mar** e pode comprometer a reprodução de peixes por décadas. (JT, 13/08/92)

O secretário do meio ambiente Flávio Perri divulgou nota informado que foram 1,2 mil barris (e não 5 mil) que vazaram no rio Quinchaiaçu, na amazônia equatoriana, conforme a Petroamazonas. (CB, 13/08/92)

Acervo ISA

O **derrame de óleo no Kinchaiacu**, afluente do Napo (Equador) não afetará o Brasil, segundo José Belfort, secretário de meio ambiente do AM. Técnicos da Petrobrás na subsidiária do Equador viajam para a região do acidente para avaliar a situação. (JB 14/08/92)

Iniciado a 26/07/92 o **derramamento de óleo** durou 36 hs e contaminou 60 km do **rio Napo**, na amazônia equatoriana. Dramáticas imagens foram registradas em video. A Petroecuador tem infraestrutura antiga e deteriorada e operadores mal treinados. Em março de 91 a Petroecuador apresentou uma avaliação das suas atividades ao governo: foram derramados, desde 1972, mais de 450 mil barris de óleo. Dos 364 poços, 59 estão abandonados, 226 derramaram óleo nas áreas vizinhas e quase todos têm piscinas de óleo acumulado em au estado, com infiltrações e sem drenagens. Desde janeiro de 92 há um acordo ministerial que obriga a Petroecuador e 30 empresas estrangeiras que operam na amazônia equatoriana a observarem normas de proteção, mas sem previsão de sanções importantes. Um primeiro projeto de lei ambiental elaborado por iniciativa oficial ainda não havia sido apreciado pelo Congresso, apesar das pressões dos índios. Dos 250 mil habitantes da amazônia equatoriana, 100 mil são índios. 30% da amazônia equatoriana está sendo explorada pelas petroleiras. O país produz uma média de 300 mil barris/dia e exporta 170 mil, gerando 50% do seu orçamento. (JB, 25/08/92)

Pterobrás vai instalar **unidade de processamento** em Urucu para produzir o óleo diesel que consome na área. Além disso, o gás natural que até então estava sendo queimado será reinjetado nos poços podutores, através de uma **estação de compressores**. (GM, 30/08/91)

A construtora **Andrade Gutierrez** (AE) inicia construção de **oleoduto e estrada** na amazônia equatoriana, na área de exploração da **Maxxus** Energy Incorporation, subsidiária da MECo. que tem sede em Houston. O contrato da obra é de 70 milhões de U$. A AG está ssociada à Construtora del Litoral SA, empresa equatoriana que tem 25 % do contrato. A Conduto do Rio foi contratada pela AE para a montagem da tubulação. Segundo Guilherme Garcia, superintendente da AE para licitações na AL, o oleoduto terá 228 km, a partir de Limoncocha, vila próxima a Shushifindi, onde a Petroecuador tem refianria e tanques de armazenamento. Srá construida uma estrada de apoio com 150 km. As obras devem ser concluidas em 24 meses. A obra atravessa áreas indígenas e há cláusulas contratuais relativas ao meio ambiente. Os euipamentos da AE estão sendo transportados por via fluvial, desde Manaus, pelo Amazonas-Solimões-Napo. Serão mobilizados cerca de dois mil trabalhadores. Os tubos serão fornecidos pela empresa brasileira Confab Trading. (GM, 10/09/92)

Cientistas, ecologistas e índios alertam que dos 364 poços na floresta amazônica equatoriana, 226 apresentam vazamentos. (CB, 25/12/92)

1993

Indios ameaçam acampamentos da Petrobrás no rio Jutaí (AM), conforme informou o engenheiro e diretor do Sindicato dos Petroleiros do Rio, **Jorge Eduardo Costa do Nascimento**, no Rio. Há um mês o acampamento da empresa foi destruido pelos índios. Ele defendeu um diálogo com os seringueiros e os índios na amazônia. (CB, 13/06/93)

Petrobrás planeja perfurar poços na região de Manaus, onde o óleo estaria a mil metros de profundidade, contra os 2.500 de Urucú. (FSP, 28/06/93)

Falha no registro do tanque de uma **carreta fez vazar 300 litros** de emulsão asfáltica no canteiro de obras da Petrobrás em Urucu. (CB, 04/08/93)

O ministro da Minas e Energia, Paulino Cícero, inaugurou a **unidade de produção de de óleo diesel na região de Urucu**, com capacidade para 80 mil litros de diesem/dia, destinados ao mercado local e regional. A região de Urucu cresceu em ocupação desde 1986, quando foi descoberto o campo de petróleo. Hoje existe uma **minirefinaria** e a produção de petróleo local passou de 3 mil para 13 mil barris/dia, com reservas estimadas de 156 milhões de barris. O gás natural, que era reinjetado nos poços, já está sendo processado e atendendo 25% da demanada

Acervo ISA

amazônica por gás liquefeito. A produção diária de Urucu é de 800 mil metros cúbicos, com reservas estimadas em 28 milhões. A unidade de processamento de gás natural ali instalada produz 70 toneladas/dia de GLP (= 5.385 botijões domésticos). O gás chega ao terminal de Tefé por um duto de 50 km e daí é carregado por balsas para ser engarrafado em porto Velho e Manaus.

Venezuela - companhias japonesas e norte-americanas vão se juntar à estatal PDVSA para trabalhos de perfuração que poderão render 90 bilhões de U$, num período de 20 anos, em óleo cru pesado da **bacia do Orenoco**. As reservas venezuelanas confirmadas são de 270 bilhões de barris. (GM, 12/11/93)

1994

A exploração de petróleo na bacia do Urucu será debatida pela Rede Brasil de Emissoras Educativas, no programa Eco-Realidade (CB, 22/01/94)

Falta de mercado consumidor está limitando produção de petróleo e gás natural de Urucu. A Petrobrás iniciou ofensiva para convencer o governo e parceiros privados a gastar 130 milhões de dólares em um **projeto de alimentar as usinas termelétricas** de Manaus e Porto Velho. A produção atual é de 13,6 mil barris/dia, com um investimento acumulado de US$ 250 milhões. O óleo produzido em Urucu custa U$ 10 por barril. A Petrobrás aproveita apenas 170 mil metros cúbicos dos 850 mil de gás que extrai por dia em Urucu. Do restante, uma pequena parte é queimada e cerca de 600 mil metros cúbicos são reinjetados nos poços. Os 170 mil metros são transformados em 85 toneladas/dia de **GLP** (gás de cozinha), o que corresponde a 30% do consumo dos estados do Amazonas, Roraima, Acre e Rondônia. (FSP, 28/03/94)

Cientistas do CERS (Centro para Direitos Econômicos e Sociais), com sede em NY e apoio da Univ. de Harvard, confirmaram grave **contaminação** por petróleo na **amazônia equatoriana**. Referência a Acción Ecológica. (JB, 31/03/94)

A interligação descoberta pela Petrobrás entre os campos do Leste de Urucu e **Igarapé Marta**, aumenta em 40% as reservas de petróleo da área. O **diretor de exploração e perfuração** da Petrobrás, **João Carlos de Luca**, informou que o projeto-piloto para aproveitamento do gás deverá ser desenvolvido com a Eletronorte, para dar saída de um milhão de metros cúbicos liquefeitos, para gerar energia em Manaus. (GM, 31/08/94)

Estudo da UE confirma conotaminação da amazônia equatoriana por petróleo. Houve até eliminação física de índios e aumentou a extração ilegal de madeira. Acusações contra a Maxus e seus efeitos junto aos **Huaorani**. (GM, 27/10/94)

1995

Petrobrás anunciou descoberta de novo poço de gás natural situado entre Urucu e Juruá. (OESP, 18/03/95)

O governo do **Equador** firmou contrato com empresas norte-americanas e chilenas para investir 60 milhões de U$ para prospecção de petróleo na parte central da amazônia, na sétima licitação internacional convocada pelo governo. (GM, 22/03/95)

Testes realizados pela Petrobrás no poço São Mateus 1, no **Solimões**, confirmaram existência de óleo e gás e abre perspectivas de nova fronteira produtora na amazônia. (GM, 04/04/95)

Petrobrás vai iniciar a perfuração de um segundo poço na **bacia dos Parecis**, uma área de 350 km quadrados entre RO e MT, na localidade de Salto Magessi. Vai gastar 10 milhões de U$, com a abertura de uma estrada, equipamentos de sondagem e transporte. Em 1993 houve a

perfuração de um poço na fazenda Itamarati Norte, de **Olacyr de Moraes**, com investimento de 8 milhões de U$, sem nada encontrar. (GM, 30/12/95-01/01/99)

1996

A Petrobrás vai investir 300 milhões de reais em 96 para ampliar a produção de gás e petróleo, tornando a região amazônica auto-suficiente, anunciou o presidente da empresa **Joel Mendes Rennó**. Isso poderá resultar na aprovação pelo MME do projeto que prevê o uso do gás no setor energético da região, o que poderá sepultar os planos de construir novas hidrelétricas. (CB)

A Petrobrás quer aumentar a produção de petróleo em Urucu dos atuais 23 mil barris/dia para 45 mil, em 1998. A planta de Urucu responde por quase metade da demanda regional da amazônia, que hoje é de 65 mil barris/dia. Deve haver aumento também da produção de gás de cozinha, de 130 para 950 t/dia em dois anos, segundo a Superintendência da Petrobrás em Belém, que controla o projeto. Está prevista também a construção de um **gasoduto de 240 km** para escoar a produção de gás, de Urucu ao Solimões. O EIA está sendo preparado pelo INPA. O petróleo de Urucu corresponde a 6% da produção nacional, que é de 850 mil barris/dia (OESP, 24/11/96, p. A28)

Acervo ISA

Produção de Petróleo Bruto (m3)

	1991	1992	1993
Em terra	**10.375.445**	**10.713.089**	**10.532.255**
Amazonas	303.178	557.092	708.331
Leste Rio Urucu	-	112.190	254.058
Rio Urucu	303.178	444.902	454.273
Plataforma Continental	**25.813.955**	**25.697.427**	**26.632.119**
BRASIL	**36.189.400**	**36.410.516**	**37.164.374**

fonte: Anuário Estatístico do Brasil - 1994, IBGE.

Acervo ISA

Fontes

Labiak, Aracy Maria & Neves, Lino João O. & Ribeiro, Vilma M.: *Arredios nos varadouros da Petrobrás*, in Povos Indígenas no Brasil/83, Aconteceu especial 14, CEDI, 1984, pp. 91-92.

Labiak, Araci Maria & Neves, Lino João O. : *A Petrobrás e os arredios do Itacoaí e Jandiatuba*, in Povos Indígenas no Brasil/1984, Aconteceu especial 15, CEDI, 1985, pp. 130-132.

Lorenz, Sonia: *A luta dos Sateré-Maué contra a Elf-Aquitaine*, in Povos Indígenas no Brasil/83, Aconteceu especial 14, CEDI, 1984, pp. 102-107.